



Tempo tecido: a mulher, o corpo, o tempo, o tramar e o tecer

"Woven time:
the woman, the body, the time, the weave, and the weaving"

Fabiane Behling Luckow*
Marcia Blasi**

Resumo: Este artigo reflete sobre as epistemologias da vida ordinária em tempo de pandemia do COVID-19, fundada na sabedoria contida nas práticas de nosso dia a dia, a partir da instalação/performance artística “Tempo Tecido”. No trabalho e no texto que compõem a poética visual, reflito sobre a vida da mulher, sua relação com o tempo e as representações sociais do feminino, associadas às práticas domésticas e manuais. Proponho a subversão do ato de tricotar, conferindo-lhe um caráter de performance artística. Discuto essas representações a partir da prática artística e da escrita da artista visual Edith Derdyk, entrelaçada com obras da literatura latino-americana, e em consonância com a abordagem de teólogas feministas como Ivone Gebara, Edla Eggert e Márcia Paixão, na qual a experiência cotidiana é percebida como *locus* da reflexão teológica. A pandemia nos “empurrou” de volta para a casa, onde precisamos nos reencontrar e resintonizar com os ritmos do cotidiano, a partir das experiências do dia a dia, como uma forma de vivenciar o tempo de incertezas que vivemos, desvelando a sabedoria que tecemos e tramamos em nossos corpos, como uma estratégia de refúgio e, ao mesmo tempo, de enfrentamento. Se pouco ou nenhum controle temos sobre o que acontece fora de nosso espaço doméstico, que a partir dessa compreensão, consigamos ser, ao menos, “donos e donas” de nossas casas próprias. “Tempo Tecido” possibilitou a compreensão de que ser “dona de casa” é fazer da casa, do corpo, da vida o *locus* de produção de conhecimento teológico libertador e de vivência de uma espiritualidade libertadora. A manta tecida, tramada como práxis teológica feminista, em diálogo com a arte e a literatura, é a manta em que se aprende a contar os dias para alcançar coração sábio, como o e a salmista (Sl 90.12).

* Bacharela em Artes Visuais (com habilitação em Gravura) e em Música (com habilitação em Canto), pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); mestra em Música (área de concentração Etnomusicologia), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); doutoranda em Teologia na Faculdades EST, na área de Teologia Prática. Contato: fabianebl@gmail.com

** Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Possui Bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1997) e Mestrado pelo Graduate Theological Union, Berkeley, CA/EUA (2001). Atualmente é coordenadora do Bacharelado em Teologia da Faculdades EST, professora de Teologia Feminista e Co-coordenadora do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Foi Assessora do Conselho da Federação Luterana Mundial para questões de gênero e facilitadora da Rede de Mulheres e Justiça Gênero da Federação Luterana Mundial na América Latina. É Pastora Ordenada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1998. Foi Pastora Vice-Sinodal no Sínodo Noroeste Riograndense.



Palavras-chave: Arte. Gênero. Epistemologia da vida ordinária. Cotidiano. Espiritualidade.

Abstract: This article reflects on the epistemologies of ordinary life in a pandemic time of COVID-19, on the wisdom that is contained in the practices of our day to day, from the installation/ artistic performance "Tempo Tecido". At the artistic work and in the text that composes the visual poetics, I search reflect on the life of women, their relationship with time and the social representations of women, associated with domestic practices and manuals. I propose to subvert the act of knitting, giving it a character of artistic performance. I discuss these representations based on the artistic practice and writing of visual artist Edith Derdyk, intertwined with works from Latin American literature, and in line with the approach of feminist theologians such as Ivone Gebara, Edla Eggert and Márcia Paixão, in which everyday experience it is perceived as a *locus* of theological reflection. The pandemic "pushed" us back to the house, where we need to reconnect and reconcile ourselves with the rhythms of everyday life, from everyday experiences, as a way of experiencing the uncertainty time in which we live in fear, unveiling the wisdom that we weave in our bodies, as a strategy of refuge and, at the same time, of coping. If we have little or no control over what happens outside our domestic space, that from this understanding, we can at least be "owners and owners" of our own homes. "Tempo Tecido" made it possible to understand that being a "housewife" means making the house, the body, the life, the *locus* for the production of liberating theological knowledge and the experience of a liberating spirituality. The woven blanket, woven as feminist theological praxis, in dialogue with art and literature, is the blanket in which one learns to count the days to reach a wise heart, like the psalmist (Ps 90.12).

Keywords: Art. Gender. Epistemology of ordinary life. Everyday experience. Spirituality.

Considerações iniciais A mulher. O corpo. O tempo. O tramar e o tecer.

A vida é insólita:
acordar, viver, dormir,
comer e amar.
Envelhecer.
Deixar a vida me marcar.
Perder cabelos,
ganhar kilos.
Deixar no mundo
marcas e filhos.
E, por fim, morrer
e deixar a vida continuar.¹

Iniciado em 2006 e executado até meados de 2008, completando assim em torno de dois anos, o trabalho "Tempo Tecido" é marcado pela repetição. Trata-se de uma manta de tricô, diariamente tricotada em mim, por mim e em nós e do registro fotográfico desse momento. Em mim, por que cada ponto ressoa em meu corpo, dialogando com o que sou, com o que eu penso e como eu vivo. Por mim, porque manejo agulha e linha, ora com mais ora com menos controle, formando uma manta que aquece e que se constitui como pensamento, conhecimento, vida. Em

¹ Esta poesia foi escrita por mim, no ano de 2006, quando iniciei o trabalho "Tempo Tecido", enquanto ainda cursava a graduação no bacharelado em Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Contava então 25, 26 anos de idade.

nós, por que me une com quem tece e trama sonhos, em diálogo com o conhecimento que se torna experiência em meu fazer artístico-teológico-literário.

No trabalho, bem como no texto que compõe a poética visual, reflito sobre a vida da mulher, sua relação com o tempo e as representações sociais do feminino, associadas às práticas domésticas e manuais. Proponho a subversão do ato de tricotar, conferindo-lhe um caráter de performance artística. Discuto essas representações a partir da prática artística e da escrita da artista visual Edith Derdyk, entrelaçada com obras da literatura latino-americana, e em consonância com a abordagem de teólogas feministas como Ivone Gebara, Edla Eggert e Márcia Paixão, na qual a experiência cotidiana é percebida como *locus* da reflexão teológica. A pandemia nos “empurrou” de volta para a casa, onde precisamos nos reencontrar e resintonizar com os ritmos do cotidiano, a partir das experiências do dia a dia, como uma forma de vivenciar o tempo em que vivemos de medo, incerteza, doença, luto e isolamento, desvelando a sabedoria que tecemos e tramamos em nossos corpos, como uma estratégia de refúgio e, ao mesmo tempo, de enfrentamento. Assim reflito sobre as epistemologias da vida ordinária em tempo de pandemia do COVID-19, fundada na sabedoria contida nas práticas de nosso dia a dia, a partir de minha instalação/performance artística “Tempo Tecido”. Para tal, retomo este trabalho, realizado durante os anos de 2006 a 2008.

A mulher, o corpo, o tempo, o tramar e o tecer

Pequenos momentos, curtos espaços de tempo, nos quais me sentava, empunhava as agulhas e a lã e tricotava, sentada sempre no mesmo lugar, no mesmo banco, em um momento repetido e registrado pela câmera, em fotografia, pelo meu marido. O trabalho é composto pelo registro dessa performance, repetida diariamente.

Figura 1: Tempo Tecido - o primeiro mês.



Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

O mesmo gesto, a mesma pessoa, o mesmo lugar, o mesmo banquinho, o mesmo fotógrafo², a mesma câmera. Tudo igual. Tudo igual? Nem tanto... A mulher que começou a tricotar é e não é a mesma que o encerrou dois anos depois. É e não é a mesma que hoje escreve esse texto. Dias e anos se acrescentaram à minha vida, muitos fios caíram de minha cabeça, outros tantos embranqueceram, minha pele se renovou e se vincou, se manchou. Edith Derdyk define essa relação do fazer com o tempo da seguinte maneira:

Cada dia a minha costura tem um tempo de vida singular. A costura é aquele dia, aquele espaço de tempo. Quando eu começo, existe uma memória, uma lembrança, uma evocação do ato de costurar que vem de uma certa preguiça molenga informe que o nada é.³

Segundo Comte-Sponville, “sou meu corpo atual, meu corpo em ato, e essa materialidade de minha presença no mundo é minha presença no presente.”⁴ Sou o meu corpo, em constante mudança. Minha “materialidade”, meu corpo, submetido ao fluxo do tempo e de diversas formas por ele marcado, constituem o meu ser no mundo. O cabelo ganha traços prateados, o rosto ganha rugas, a pele vai perdendo sua elasticidade, as cicatrizes se acumulam. Na repetição dos dias, a cada dia uma nova mudança. Segundo Edith Derdyk, “a matéria tem o dom sutil de perpetuar-se através da degeneração”⁵, provando sua existência, no tempo e através dele, pela sua decomposição, pelo seu desgaste. E esta materialidade que encontra-se em evidência no trabalho “Tempo tecido”.

Mesmo quando não estou fisicamente na fotografia e apenas a cesta com as lãs e o tricô estão presentes, minha falta denuncia a minha presença. O ritmo que a repetição impõem é interrompido, demonstrando que as pausas, o descanso, o não-estar, as ausências, também fazem parte do cotidiano. As fotografias demonstram um certo rigor no enquadramento. É praticamente o mesmo em todas as fotos. Porém, a repetição e o rigor estão, na verdade, no gesto por mim executado, na imagem da mulher sentada, tricotando, tricotando, tricotando...

As cores da lã utilizada foram escolhidas aleatoriamente. Quando um novelo acabava, comprava outro, ou mais de um. Tricotava cada novelo até o fim. Cada um deles possuía uma extensão semelhante, fazendo com que cada cor compusesse a manta em uma extensão também semelhante. Optei por usar diferentes cores na intenção de demarcar o tempo em períodos, proporcionando assim vivências de marcos temporais. Indico, quem sabe, aquela percepção da vida, da rotina e do cotidiano, de que o tempo não passa e os dias parecem iguais. Entretanto, quando olhamos no calendário, ou no espelho, nos damos conta de que sim, o tempo passou!

² As fotografias eram feitas, diariamente, por meu marido, Mateus Coswig.

³ DERDYK, Edith. **Linha de Costura**. São Paulo: Iluminuras, 1997, p. 53.

⁴ COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 49.

⁵ DERDYK, 1997, p. 29.



Por que tricotar? Qual a relação desse gesto com o tempo? Com a arte? Com a vida? Com a Teologia? Com a Literatura? Creio que a associação com a vida e o cotidiano da mulher seja praticamente senso comum. Afinal, o fazer manual é “coisa de mulher”. O fazer manual, de atividades geralmente atribuídas à lida feminina, como tricotar, costurar, tecer, cozinhar, foi e continua sendo retratado pela literatura como uma forma de não apenas “passar o tempo”, mas como uma maneira de compreendê-lo e apreendê-lo. O significado simbólico desses gestos têm sido explorados tanto pela literatura quanto por outros suportes artísticos, como a música e o cinema. Também como aqui, em obras de arte visuais e plásticas.

A solidão do tricô, que espera a intervenção das mãos, do gesto que o faz mudar, avançar em sua condição. Este fazer que, ao mesmo tempo que faz o tempo passar, também o apreende, o captura. Derdyk escreve que “costurar é uma forma inconsolável de passar o tempo, supondo que se poderia capturar esse tempo perdido sob uma forma inaugural”⁶, como se o fazer manual pudesse, de fato, apreender o tempo que é nele empregado.

Algumas personagens da literatura, como a Amaranta, do livro “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez, tomam consciência do tempo de suas vidas através dessa atividade manual. Ao se encontrar com a Morte, Amaranta recebe dela a notícia de que teria o tempo de vida equivalente à confecção de sua mortalha. Frente a essa perspectiva, a costura lhe proporcionou “a calma que lhe faltava para aceitar a ideia de uma frustração.”⁷ Foi o que manteve seu interior “a salvo de toda a amargura”, mesmo que seu corpo fosse perdendo a vitalidade. A confecção da própria mortalha lhe conferia direção, a caminho de sua própria finitude.

Também na vida das personagens Ana Terra e Bibiana, de “O tempo e o vento”, do escritor gaúcho Érico Veríssimo, a roca de fiar era uma presença constante, praticamente uma personagem da saga, e uma companheira de vigília das mulheres da família Terra Cambará:

[...] horas havia que Bibiana se ficava a fiar na velha roca, tendo a seu lado Anita num berço e Bolívar a seus pés a brincar com ossos de boi e sabugo de milho. Era nessas horas que ela pensava mais, como se o barulho da roca lhe estimulasse as ideias [...]⁸

Assim como o barulho da roca estimulava os pensamentos de Bibiana, a repetição do gesto de tricotar faz comigo. Ao ocupar meu corpo com uma atividade mecânica e repetitiva, minha mente sente-se livre para voar, devanear, esquece um pouco de sua própria materialidade, entrega-se ao ritmo. Os pensamentos vão surgindo a medida que a manta vai crescendo, que os fios vão sendo tramados. Puxar os pontos como a cabeça puxa os pensamentos. Como se uma

⁶ DERDYK, 1997, p. 41.

⁷ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, s/d., p. 268.

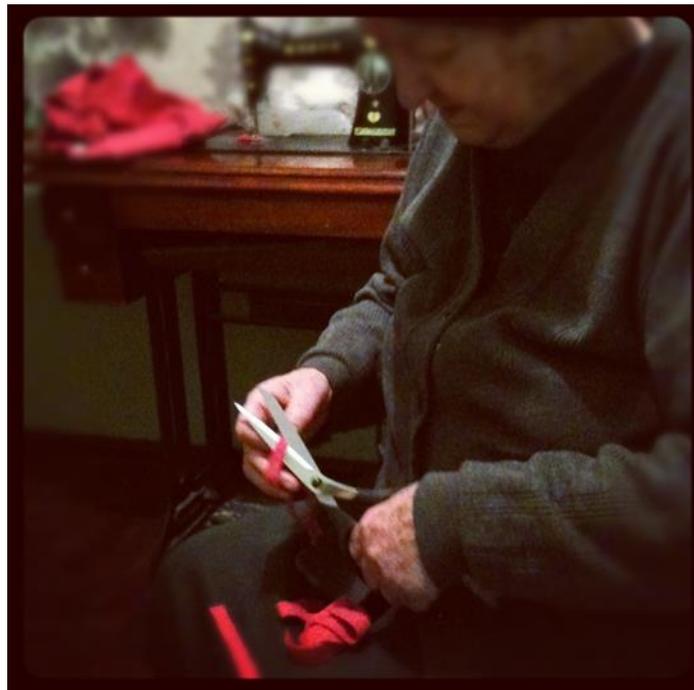
⁸ VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento**, parte 1: O Continente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 317.



porta, que é mantida fechada, aos poucos se abrisse e permitisse que o vento areje a casa. Sem compromissos e sem pautas, as agulhas, ao pescarem os pontos, também pescam da alma aquilo que é abafado e calado durante o dia a dia. Como eu a tricotava sempre a noite, a carga do cansaço e/ou da satisfação, acumulada durante o dia, era, de certa forma, transferida para a manta e passava a também compô-la.

Como minha avó Lydia Behling (1926-2016), que naqueles dias contava com mais de oitenta anos de idade, que tricotava, costurava, mexia com seus tecidos e linhas, para dar sentido e expressão à sua vida. Fazia colchas, juntava os pedaços, costurava neles o seu próprio tempo. Quando pessoas a visitavam, fazia questão de mostrar sua produção, a forma como “passava seu tempo”, afirmando assim, para si mesma e para o mundo, que apesar da idade avançada, continuava ativa. Notava nela uma necessidade de concluí-lo, uma impaciência por terminar seus projetos, fechando pequenas etapas de sua vida. Talvez por vislumbrar o tempo que lhe escorria pelos fios, não sentindo mais a confiança de empreender grandes trabalhos, ou mesmo pelas condições de seu corpo, mãos e olhos, disposição, humor e sanidade.

Figura 2: Vó Lydia



Fonte: Arquivo pessoal, jul. 2012.

A casa, o doméstico, é compreendido e configurado socialmente como o espaço da mulher. Não apenas para preservá-la do mundo, mas para preservar a casa, o lar, a descendência, a memória de seu tempo. Talvez vó Lydia desejasse estender seu tempo, sua memória através do fruto de seu fazer manual. Continuar, de alguma forma, presente entre as pessoas de sua família. Suas colchas, tapetes, guardanapos, ainda entre nós mesmo depois dela

já haver partido, guardam mais do que as suas memórias. Guardam a lembrança de boa parte de minha ancestralidade. Ivone Gebara apontou que, muitas vezes, “falamos de arte manual ou de habilidade como se, para isso, se precisasse apenas pouco pensamento e pouco conhecimento.”⁹ O que acessamos, por certo, é um conhecimento que já nos habita e compõe, que guardamos ao mesmo tempo que dele somos guardiãs, constituindo assim, uma epistemologia da vida ordinária¹⁰, que propõe e valoriza uma outra forma de compreender e conhecer, na qual a sabedoria da encontrada e exercitada no cotidiano ganha protagonismo.

A função de guardiã é também narrada na literatura. Ainda em “O tempo e o vento”, tanto Bibiana quanto Maria Valéria, vendo um dia passar depois do outro, vendo suas vidas fluírem, de maneira feliz ou infeliz, sem que isso alterasse seu fluxo contínuo ou suas atividades diárias, sua “roda da vida”.

[...] porque, quanto ao resto, um dia era cópia de outro dia, em que ela trabalhava de sol a sol, em casa e na lavoura, fazendo serviço de homem. Para Ana não havia domingo nem dia santo. De vez em quando ela saía com sua tesoura para cortar algum cordão umbilical. Ou então ia a algum enterro. Porque pessoas continuavam a nascer e a morrer naquele fim de mundo.¹¹

O tempo segue sua linha, que parece contínua, sem poder parar ou pausar. Parece por que o tempo é movimento permanente. Entre nascimento e morte, a memória elege marcos e os reinventa. Escolhe as histórias a serem conservadas e escolhe também as tintas e os vernizes que serão passadas sobre elas ao longo dos anos. Nos pontos tricotados, nas histórias contadas, na esperança que alimenta sonhos, nas lembranças revisitadas, o tempo ressurgir ciclicamente, quebrando barreiras, integrando permanentemente presente, passado e futuro.

O tempo cronológico é o mesmo para todas as pessoas. Uma hora significa sessenta minutos em qualquer lugar do mundo. Porém, cada pessoa concede ao tempo o uso que lhe apraz. Sentimos esse mesmo tempo se dilatar, se expandir, ou se encolher. Entretanto, lá está ela: a rotina. Sempre presente, sempre martelando. Um dia será sempre a cópia de outros dias.

Apesar do título ser “Tempo tecido”, o trabalho, na verdade, é tricotado. A malha é produzida de forma diversa da trama do tecido. Ela é tramada com um único fio, contínuo, que pode ser infinitamente emendado a outro fio e continuar seu caminho. Dessa forma, constitui uma metáfora adequada à linha da vida, que segue sempre em frente, podendo ocupar apenas um espaço por vez. Uma vida, uma temporalidade.

⁹ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Marla (Orgs.). **Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015, p. 31-50.

¹⁰ GEBARA, 2015. A “epistemologia da vida ordinária” é o tema central do artigo acima citado.

¹¹ VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento**, parte 2: O Continente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 179.



Figura 3: Tempo Tecido – foto da performance na exposição do trabalho na Sala Frederico Trebbi (Secretaria Municipal de Cultura – Pelotas/RS)



Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Durante cerca de dois anos, optei por não concluir a manta que tricotava diariamente. Depois desse tempo, em algum momento que não consigo precisar, a dobrei e a guardei, ainda inconclusa. Ainda hoje, apesar de guardada, não a considero finalizada. Sempre que faz sentido, tiro esse tempo do armário e retomo essa linha temporal. O objeto não é apenas um objeto, uma manta. É a minha vida, é a minha história, agarrada à linha, entremeada com os pontos.

Ações inconclusas ou repetitivas constituem nosso cotidiano. Dormir, comer, amar, chorar, rir... todos os dias. O filósofo sul-coreano Byung Chul-Han escreve que são “[...] as repetições que dão estabilidade à vida”¹², pontuando a importância de rituais e liturgias em nossa vida. Sempre igual, sempre de novo, ao mesmo tempo que diferentes. Diferentes porque muda a vida, mudo eu!

Essa compreensão me leva a respeitar quem eu sou, quem eu me formo e transformo a cada dia, os papéis que assumo diante da sociedade e diante de mim mesma, e também aqueles que abandono ao longo do caminho. A celebrar com gratidão minha humanidade, atributo tão divino que foi experimentado pelo próprio Deus.

Na sociedade pós-moderna em que vivemos, mesmo que as mulheres tenham conquistado diversos direitos e construído diferentes possibilidades, ainda nos são atribuídos papéis relacionados à manutenção do lar, dos valores da casa e da família, como guardiãs do

¹² CHUL-HAN, Byung. **La desaparición de los rituales: una topología del presente**. Barcelona: Herder, 2020, p. 12. “[...] las repeticiones dan estabilidad a la vida.”



doméstico e do privado. Ainda que “as coisas já não sejam mais como eram antigamente”, temos de admitir que somos constantemente “empurradas” de volta para esse lugar. E, por diversas vezes, em uma jornada dupla ou tripla de trabalho.

Quando resolvo trazer a público, fazer público não apenas o tricô, mas o espaço de minha própria casa bem como meu próprio corpo, subverto as esferas privado-público. Torno público aquilo que deveria ficar no privado, protegido. Paixão e Eggert observam que “a experiência precisa, além de vivida, ser narrada, para que o narrador possa construir um caminho sobre o vivido e, ao fazer isso, possa dar significado à experiência.”¹³ Torno o meu corpo e a minha experiência no suporte e na matéria-prima de minha produção artística, buscando assim narrar a minha história, que é, ao mesmo tempo, história de tantas. À medida que vou tornando esse gesto em um ritual, por sua repetição, mas também e especialmente, por seu aspecto simbólico, ele incorpora esse aspecto narrativo. Chul-Han observa que “os rituais são processos narrativos”¹⁴, carregados de significados que vão se incorporando aos indivíduos pela força e constância da repetição.

A opção por me apropriar de um trabalho manual como o tricô para falar sobre o tempo implica uma subversão de uma atividade diretamente relacionado com uma feminilidade e um papel social de submissão, de domesticidade. Um observador ou uma observadora desavisado ou menos experimentado no campo das artes pode imaginar ou conceber que o trabalho artístico seja a manta tricotada. Pessoas me perguntavam se a manta fazia ou faria parte da instalação do trabalho, ao que eu respondia “não!”. Da mesma forma como eu, em corpo, não estaria presente lá, também o tricô, como essa extensão de mim não estaria. E lembro que continuava tricotando e fotografando, em minha casa, enquanto a instalação estava no salão ou museu. Outras pessoas indagavam se as fotografias resultantes dessa performance diariamente repetidas, expostas de alguma forma, constituíam a materialidade da obra de arte. Entretanto, o suporte do trabalho é o meu próprio corpo. Reflito aqui o que acontece comigo, em meu corpo, em nossos corpos. Proponho aqui a presença e abordagem do corpo de mulher na arte não como a “musa”, como a modelo, (ainda que eu pudesse dizer: “sou minha própria musa!”), mas como o espaço de discussão e crítica à sociedade patriarcal e opressora.

Aqui, a compreensão dos ritmos e temporalidades da vida, da passagem do tempo, do amadurecimento e envelhecimento das mulheres, tão “demonizado” pela sociedade de consumo capitalista, a partir desse conjunto formado pelo tricô e por mim mesma, em registros fotográficos, pela prática tão cotidiana e doméstica de tricotar.

¹³ PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). **Processos Educativos no Fazer Manual de Mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p.13-22, p. 18.

¹⁴ CHUL-HAN, 2020, p. 14. “[...] los rituales son procesos narrativos [...]”

Amarrando algumas pontas

Trago esse relato sobre meu trabalho artístico anos depois de iniciado e depois de pausado. Algumas vezes, para performances específicas, o retomei e novamente o guardei. Ele continua lá. Ele continua aqui, contendo, de certa forma, uma parte de minha vida. Um período de minha vida, simbolizado por uma manta de tricô e retratado em mais de setecentas fotografias.

Desde minha adolescência, busquei compreender o que significa ser mulher em nossa sociedade, quase como uma forma de sobreviver, ou mesmo, buscando uma consciência do que isso significava, para viver plenamente como mulher. Na literatura, nas primeiras leituras da obra de Simone de Beauvoir aos dezessete anos, nas artes visuais, na música, nas observações de modelos propostos pela sociedade, e até mesmo na Bíblia. Essa busca se refletiu em minha poética artística, em minha pesquisa e dissertação de mestrado¹⁵, em minha atuação na comunidade de fé e, como não poderia deixar de ser, agora em minha trajetória no doutorado em Teologia. Percebi, no compartilhar do componente de Teologia Feminista, especialmente na leitura e discussão dos textos da teóloga Ivone Gebara, a importância de compreendermos e celebrarmos nossas experiências cotidianas como formas de acessar uma sabedoria e um conhecimento que nos escapa quando tentamos reduzi-lo a um mero “pensar sobre”, a uma mera formulação conceitual intelectualizada¹⁶.

Ivone Gebara afirma a importância de insistirmos na “epistemologia do cotidiano”, pois é a partir das experiências ordinárias do dia a dia que nos reencontramos com a sabedoria que é necessária para seguir vivendo de forma plena. É a partir do cotidiano que a teologia ganha corpo e passa a constituir sentidos.

O lugar originário da teologia não é o **logos** sobre Deus, mas a experiência humana na complexidade de suas vivências e na sua irredutibilidade a uma razão explicativa única. E parte integrante desse lugar é a celebração da vida em suas diferentes dimensões. Nela, as experiências de temor e espanto, admiração e louvor, com suas diferentes intensidades, fazem-se presentes. Espanto e admiração, temor e tremor, louvor e gratidão levam a uma experiência de fragilidade e de grandeza que está em nós, mas, ao mesmo tempo, parece nos transcender individualmente. Posso reconhecê-la em mim e em meu semelhante, e, justamente por isso, ela me transcende. Por isso, organizamos celebrações comuns, liturgias coletivas para entoar nossa alegria e chorar as nossas dores. E é esse o lugar originário da teologia antes mesmo que ela se chamasse teologia.

¹⁵ Intitulada “Chanteuses e Cabarés: a performance musical como mediadora dos discursos de gênero na Porto Alegre do início do século XX”, minha pesquisa de mestrado foi concluída em 2011, sob orientação da profa. dra. Maria Elizabeth Lucas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁶ As aulas do componente de Teologia Feminista, do PPG em Teologia da Faculdades EST, ministradas pela profa. dra. Marcia Blasi no segundo semestre de 2020, foram fundamentais para a escrita desse artigo. Divido a autoria do artigo com ela, apesar do uso da primeira pessoa do singular na escrita, pois sua orientação e incentivo na elaboração desse texto foram imprescindíveis.



Creio que é nestas experiências corporais, existenciais de nosso cotidiano que nasceram nossas crenças e depois se organizaram em forma de religiões.¹⁷

A experiência é compreendida como a matéria-prima das metodologias e das teorias feministas, bem como da teologia feminista. Conhecer e pensar a espiritualidade a partir das experiências cotidianas das mulheres, a partir de toda essa complexidade, é necessário para que continuemos ou mesmo comecemos a celebrar a vida.

Não por acaso o trabalho artístico “Tempo Tecido” volta a mim nesse momento. O ano de 2020 ficará marcado, conhecido como o ano da pandemia. O ano em que tivemos de nos recolher em nossas casas e no qual, talvez, tenhamos descoberto que somos pessoas estranhas àquele ambiente. Nossas casas adquiriram diferentes funções. Passaram a ser espaços de trabalho para aquelas pessoas que antes saíam para trabalhar, a ser escola para as crianças. A convivência se intensificou, a casa ficou ainda menor. O espaço que antes era habitado de forma quase passageira, no qual o encontro com outras pessoas da família acontecia de forma muito fulgaz, agora, para algumas pessoas, se tornou palco de grandes tensões. Novas negociações e acertos entraram em vigor, na tentativa de que todos possam, mais ou menos, ser “donos ou donas de suas casas”.

Ao mesmo tempo, a internet, antes uma “janela para o mundo”, agora traz o mundo para dentro. A escola, o trabalho, e até mesmo o espaço sagrado de culto, agora são ampliados para dentro do espaço doméstico. Onde nos refugiaremos de todas essas demandas, uma vez que elas “invadiram” nosso espaço íntimo e privado?

Sermos donos e donas, guardiões e guardiãs de nossas casas, são papéis que podem sobrecarregar, ainda mais, as atribuições que social e culturalmente se impõem sobre as mulheres em tempos de pandemia do COVID-19. Essa pode ser uma das formas de nos defendermos diante de tamanho desafio, do ambiente inóspito que encontramos fora de nossas casas. Conforme Gebara aponta:

Quem consegue ser mais ou menos dono ou dona de sua casa teme menos as leis que, do exterior, querem modificar ou manter suas formas de domínio. No fundo, elas não conseguem alterar de forma decisiva o ritmo da casa, a posse das coisas, as afeições e emoções, os prazeres e desprazeres que fluem no nosso cotidiano.¹⁸

As práticas do cotidiano, os pequenos rituais domésticos, podem ser de grande auxílio nesse momento. Especialmente quando falamos de bem-estar, seja ele físico, emocional ou espiritual. Compreender os ritmos da casa para compreender os ritmos da vida.

¹⁷ GEBARA, 2015, p. 37.

¹⁸ GEBARA, 2015, p. 42.



Na pandemia, pode-se perceber a aproximação de diferentes propostas religiosas com propostas não-religiosas, como o minimalismo, o veganismo, as técnicas de *mindfulness*, um incremento na preocupação com o consumo consciente, a diminuição da produção de lixo, mas, especialmente, na aquisição e prática de atividades artísticas ou mesmo de artesanato (tendo a disposição tutoriais e cursos on-line), entre outras. Essas práticas que compõem nossa espiritualidade, que talvez já fizessem parte de nossas vidas antes da pandemia, assumem, em alguns casos, um caráter quase “ritual”, são incorporados de forma “quase religiosa”, como “liturgias” que buscam integrar o bem-estar psicológico-emocional-espiritual com o corpo físico, com seu espaço de habitação doméstico, bem como com o planeta como um todo. Segundo Chul-Han, os rituais “tornam o tempo habitável”¹⁹, geram ritmos, interrompem fluxos, uma vez que “o tempo que se precipita sem interrupção não é *habitável*.”²⁰

Ao vivenciar de forma mais presente e mais intensa a realidade doméstica, a demanda por compreender os ritmos das atividades que fazem parte do cotidiano, a habitar de forma mais consciente esse espaço, se torna ainda mais vital. Isso não quer dizer, no entanto, que o espaço da casa deve ser o espaço “natural” da mulher. Ele também é o espaço da mulher. A mistura entre o fazer artístico-artesanal e o fazer teológico, que se materializa neste texto, integra a mulher que, em casa, tricota mantas de conhecimento, que unem a casa à academia e vice-versa, integrando tempos, espaços, corpos, espiritualidade, vidas.

Desse modo, a práxis se constitui como uma espiritualidade libertadora. Percebe-se então que os modelos religiosos tradicionais nem sempre conseguem responder a diversa gama de demandas que surgem a partir da experiência humana em sua busca por sentido, especialmente em tempos de angústia, confinamento, luto, doença e incerteza em relação ao futuro. Como se o sentido das palavras que ouvimos e lemos precisasse, de alguma maneira, atravessar nossos corpos e vivências para que, sentindo-as, possam fazer sentido.

É nesse momento que vivenciar plenamente e refletir sobre as experiências do cotidiano, desvelando sentidos e significados, reconhecendo a sabedoria que há nesses gestos, pode nos ajudar a perceber e habitar, de forma mais presente, esses espaços cotidianos, bem como em nosso próprio corpo. Contar os dias, laçar os pontos, tramar o fio da existência, para, enfim, alcançar um coração sábio. A manta tecida, tramada como práxis teológica feminista, em diálogo com a arte e a literatura, no “Tempo Tecido” é a manta em que se aprende a contar os dias para alcançar coração sábio, como o e a salmista (Sl 90.12).

“Ensina-nos a contar os nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria.” (Salmos 90:12 NVI)

¹⁹ CHUL-HAN, 2020, p. 06. *“Hacen habitable el tiempo.”*

²⁰ CHUL-HAN, 2020, p. 07. *“El tiempo que se precipita sin interrupción no es habitable.”*



Referências:

CHUL-HAN, Byung. **La desaparición de los rituales**: una topología del presente. Barcelona: Herder, 2020.

COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DERDYK, Edith. **Linha de Costura**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Marla (Orgs.). **Epistemologia, Violência e Sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, s/d..

PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). **Processos Educativos no Fazer Manual de Mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p.13-22.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento**, parte 1: O Continente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento**, parte 2: O Continente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.